

Domingo, 04 de Outubro de 2026

Quando só a opinião viraliza

Este não é um artigo de opinião. Em vez disso é um texto baseado em dados e padrões observados. Quando só a opinião viraliza a sociedade prova o gosto amargo de que opinião todos tem mas fatos nem todos.

A técnica de nos deixar confusos funciona com precisão: informação demais, contraditória, sem hierarquia clara entre fato e opinião. Assim ficamos vulneráveis. E nessa condição ficamos mais prontos para nos tornar massa de manobra.

Quando só a opinião viraliza o problema escala.

Cada vez mais gente não sabe diferenciar opinião de fato. São de fato coisas diferentes. A gravidade continua operando independentemente de alguém acreditar nela ou não. Quando o achismo substitui a evidência a sociedade inteira paga a conta. As redes por sua vez funcionam como megafone. Realidades paralelas se formam, a desinformação ganha escala e em consequência o espaço comum se esgarça.

É exatamente nesse terreno que a opinião passa a circular com mais força do que o dado. O que viraliza portanto nem sempre é o que é verdadeiro. É o que gera reação. Raiva, indignação, medo e identificação passam então a valer.

Além disso estudos recentes mostram que algoritmos baseados em engajamento amplificam conteúdos emocionalmente carregados e hostis ao grupo oposto. Pesquisas publicadas em periódicos como Science e PNAS Nexus demonstram por exemplo que feeds reordenados para reduzir animosidade partidária diminuem a polarização afetiva. Já o algoritmo padrão ao contrário tende a empurrar exatamente o contrário: mais divisão, mais emoção negativa e mais hostilidade.

As consequências, portanto, não são abstratas. Polarização cresce. O discurso de ódio encontra assim ambiente fértil. A desinformação por sua vez se espalha com velocidade superior à correção. # só a opinião viraliza

Quando a opinião se torna o principal produto de circulação o espaço público se fragmenta. Pessoas passam a viver em realidades paralelas, cada uma alimentada pelo que confirma suas crenças e rejeita o restante. Dessa forma a capacidade de conversar com quem pensa diferente se reduz. E em consequência o risco de radicalização aumenta.

Hoje todo mundo dá opinião. Eu também. O problema, no entanto, não está em opinar. Está em opiniões que ao se espalharem sem critério colocam em risco a vida das pessoas. Saúde, segurança, decisões coletivas e confiança pública sofrem, portanto, quando o achismo ganha o mesmo peso ou mais peso do que a evidência.

O mecanismo é conhecido. Conteúdos que geram emoção intensa recebem mais cliques, mais compartilhamentos e mais tempo de tela. O sistema aprende e em seguida prioriza o que mantém a atenção. O resultado é um ambiente em que a nuance perde espaço e a simplificação extrema ganha terreno. Fatos complexos são assim substituídos por narrativas prontas. Dúvidas legítimas são transformadas, por conseguinte em certeza de um lado ou de outro.

Não se trata de escolher um lado e atacar o outro. Nem de fingir neutralidade absoluta. Trata-se antes de reconhecer que quando só a opinião viraliza o custo é pago coletivamente. A vida de pessoas reais fica desse modo exposta a decisões baseadas em reações emocionais e não em evidências.

O problema não é a existência de opinião. É quando a opinião desacompanhada de critério, evidência e responsabilidade se torna o único conteúdo que sobe. Nesse cenário quem lucra com a atenção continua

lucrando. Quem precisa de informação confiável para decidir e viver fica por outro lado cada vez mais desorientado.

Por isso a conversa precisa ser firme. Sem romantizar a livre circulação de tudo e sem fingir que o problema é só do outro lado. Quando só a opinião viraliza o que se perde não é apenas a qualidade do debate. É sobretudo a própria possibilidade de vivermos em um espaço comum minimamente orientado pela realidade.

Algumas atitudes simples ajudam, portanto, a reduzir essa vulnerabilidade. Conversar de verdade com pessoas, de preferência com quem pensa diferente, forçar o exercício da escuta e diminuir a bolha. Definir horários específicos para checar notícias evita assim o consumo contínuo e ansioso de informação. E dar preferência a outros tipos de leitura, como livros, ensaios ou textos mais longos, que não estejam no ritmo da urgência informativa, devolve por fim tempo e profundidade ao pensamento.

Pequenos ajustes no dia a dia não resolvem o sistema, mas reduzem ainda assim o quanto cada um se deixa capturar por ele.

Maria Augusta Ribeiro é especialista em netnografia e comportamento digital